

O LUGAR DA CIVILIZAÇÃO E SEU CORPO SÍGNICO TERRITORIAL

Marcio Mendes Rocha

Doutor em Geografia Humana, professor da Universidade Estadual de Maringá e coordenador do NEMO – Núcleo de Estudos de Mobilidade e Mobilização
mmrocha@uem.br

RESUMO: Este artigo fecha a trilogia sobre a especialidade das formas narrativas, publicada nos números anteriores desta revista. Iniciamos conceituando “civilização”, tratando da diferenciação entre civilização e cultura. Partindo do pressuposto de que toda a civilização ocorre em um espaço determinado, para tanto, tratamos do conceito de “lugar”, sinalizando uma forma de percepção deste a partir da deriva/transurbância. Este lugar visto na contemporaneidade apresenta um desdobramento, se tornando complexo na medida em que incorpora a dimensão virtual. Neste sentido, estabelecemos um diálogo com Roland Gori, discutindo a criação do homem numérico no contexto da sociedade da informação e controle. Na sequência tratamos da resistência a este sistema de controle, apresentando, resumidamente, a ação do grupo “*anonymous*”. A estrutura de reprodução das trocas de informação na sociedade globalizada passa pelas telas de TV’s, computadores, smartphones, entre outros. Esta constatação nos levou à noção de “quadro plano”, que busca no racionalismo cartesiano um caminho explicativo, damos os primeiros passos aqui neste artigo para desvendar este processo. Enfim, busca-se compreender a construção histórica de uma narrativa territorial, tratando desde o homem primitivo até o cidadão de hoje.

Palavras chave: quadro plano, civilização, lugar, cultura

LA PLACE DE LA CIVILISATION ET SON COMPOSANT SIGNO TERRITORIAL

RÉSUMÉ: Cet article clôt la trilogie sur la spécialité des formes narratives, publiée dans de précédents numéros de cette revue. Nous commençons par conceptualiser la «civilisation» en abordant la différence entre civilisation et culture. En supposant que toute civilisation se déroule dans un espace donné, nous traitons le concept de «lieu», en signalant sa perception par la dérive urbaine. Ce lieu vu à l’époque contemporaine présente un épanouissement, de plus en plus complexe car il intègre la dimension virtuelle. En ce sens, nous avons établi un dialogue avec

Roland Gori sur la création de l'homme numérique dans le contexte de la société de l'information et du contrôle. Dans ce qui suit, nous traitons de la résistance à ce système de contrôle en présentant brièvement l'action du groupe «anonyme». La structure de reproduction de l'échange d'informations dans une société mondialisée passe notamment par les écrans de télévision, les ordinateurs, les téléphones intelligents. Cette constatation nous a amenés à la notion de "cadre plat", qui cherche dans le rationalisme cartésien une voie explicative, nous faisons les premiers pas ici dans cet article pour dévoiler ce processus. Enfin, nous cherchons à comprendre la construction historique d'un récit territorial, allant de l'homme primitif au citoyen actuel.

Mots-clés: cadre plat, civilisation, lieu, culture

1. INTRODUÇÃO

O homem em seu processo evolutivo sempre buscou a representação do seu cotidiano e das suas atividades. Com o desenvolvimento da linguagem e da escrita, este processo avança na compilação e ordenamento das informações, ocorrendo com este avanço, a busca da expressão a partir do quadro plano, busca esta que cria uma referência para a produção do conhecimento em seu sentido mais amplo, envolvendo as ciências, as artes e o saber popular, saber este convergindo para este espaço delimitado. Um território produzido, que trás a representação do mundo pelo homem, restrito em quatro lados, fronteiras. Estas fronteiras com a revolução digital e a consequente consolidação da expressão multimidiáticas digital/virtual, amplia as possibilidades expressivas e, o mais importante, populariza o “uso” desta expressão a partir de uma rede mundial de comunicação, a internet, em suas duas faces: a “Web” e a Deep Web.

Uma figura geométrica é recorrente na produção destes espaços, o retângulo (quadro plano). Ele aparece na produção gráfica, escrita e pictórica, em diversas escalas. Desde as anotações em pequenos blocos com cola para recados, até projeções em paredes de edifícios. E no universo digital cria um portal para o mundo virtual. Considerando as dimensões do quadro plano, estas respeitam escalas em espaço/temporalidades fixas ou variáveis, de abrangência individual ou coletiva. Buscamos neste artigo estudar a reprodução da narrativa territorializada a partir desta forma retangular.

Para tanto, recorreremos à análise do conceito de civilização como referência espacial para a conformação de uma cultura hegemônica (Os impérios) que conformarão linguagens a partir do estabelecimento de uma língua referência, que recebe influência de outras subjugadas. Estas linguagens produzirão a narrativa do mundo em seu processo histórico. É deste manancial que veremos a conformação de quadro plano como como espaço/tempo estruturante para o fluxo das narrativas. Este processo culmina, desde a televisão, com uma narrativa não dialógica, até os monitores dos computadores em várias plataformas (Desktop, notebook, e-reader, tablets, smarthphones, entre outras). Na contemporaneidade, a maioria das narrativas produzidas pelo homem, são veiculadas digitalmente na internet. Esta narrativa se reproduz no âmbito da sociedade da informação.

No entanto, *muita informação, pouca formação*. A capacidade de constituição de valores éticos filosóficos, a partir de um processo crítico de conhecimento não se opera. Esta sociedade da informação se tornou a sociedade do controle. Buscamos entender o lugar desta sociedade da informação. Convivemos com os espaços virtuais e concretos em um mesmo fluxo temporal, a vida se complexifica, muitos canais com comunicação simultânea estão “disponíveis” para os indivíduos na sociedade. Novas formas de sociabilidade se instauram. Os movimentos sociais também se transformam, novas estratégias de comunicação estão sendo construídas. A interpretação deste processo é complexa e um desafio, que buscamos sinalizar neste artigo. Feita esta contextualização da reprodução da narrativa na sociedade, finalizamos com a apresentação de algumas ideias que buscam a base do conceito de quadro plano.

2.A CIVILIZAÇÃO E SEU CORPO SGNICO TERRITORIAL

A construção da linguagem se constitui na espaço/temporalidade das relações sociais, que são relações de poder. As línguas viabilizam os processos de produção dos espaços na totalidade global. Esta linguagem se estrutura a partir de um corpo cultural com uma feição artística/científica/tecnológica que a caracteriza, dando-lhe uma homogeneidade no processo de produção deste conhecimento. Este *corpo signo territorial* podemos denominar de civilização. A civilização é o estado cultural das sociedades mais avançadas num dado momento histórico. A

noção de civilização aparece no século XVI no período das grandes navegações e que se consolida no século XVIII com a revolução industrial.

O Conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou o modo como são preparados os alimentos (ELIAS 1990, P 23).

A noção de civilização é vista, em alguns casos, como sinônimo de progresso e de cultura. A civilização constitui uma visão de mundo que apresenta uma ideologia, com valores, costumes, crenças e diferentes instituições. O processo de expansão da civilização ocidental, depois da segunda guerra mundial é denominado de mundialização ou globalização. As civilizações apresentam um conjunto de características específicas de uma dada sociedade. A civilização apresenta um estado de desenvolvimento das condições de vida de uma dada sociedade ou sociedades e é quando se atinge um certo estágio, sociedade é dita “evoluída”. A noção de civilização se opõe à de barbárie. No entanto utiliza-se a noção de civilização primitiva, sem uma conotação pejorativa. O conceito de civilização em Ferdinand Braudel se define a partir da ideia de civilização material.

... c'est d'abord un espace, une aire culturelle à laquelle sont rattachés des biens (matériels ou non, ce qui peut englober la forme des maisons, les traditions culinaires, la manière de vivre, etc., biens ayant une cohérence entre eux...¹ (BRAUDEL, 1990, p. 292).

No século XIX a ideia de civilização aparece como um ideal a atingir, ela foi a principal legitimação dada à colonização imperialista. O capital hegemônico argumenta que é necessário “civilizar” os povos do mundo, a partir de uma visão hierárquica e evolucionista da civilização. Hoje o conceito não aparece tão arraigado ao projeto colonial, constrói novos desdobramentos. A

¹ Fernand Baudel. *Écrits sur l'histoire*. T. II, 1990, p 292. <https://fr.wikipedia.org/wiki/Civilisation>

característica que diferencia uma civilização viva, atuante é sua capacidade metabólica e polarizadora, ou seja, se transforma a si mesma à medida que e estimula outros agrupamentos para a mobilidade humana.

Marco Polo, al emprender la Ruta de la Seda, llévo um soplo de aire italiano al império Mongol, y um poco del aire de Asia a los *intra muros* de Pisa (DEBRAY, 2017, p. 38).

Ferdinand Braudel, discutindo as fronteiras, argumenta que elas não são apenas físicas, concretas, diz ele que as civilizações têm invisíveis postos aduaneiros e sistemas de filtragem sem filtros, sutis, nos interstícios das relações sociais. As civilizações, embora apresentem um corpo coeso, são permeáveis às influências de outros povos, são como nebulosas, um corpo complexo e permeável, alimentado por influências várias de outros povos em outros tempos, e que, num dado momento, constrói uma unidade que a caracteriza e a empodera. Os valores constituídos por uma civilização mascara ou nega valores de outras sociedades, criando novas sínteses, ou mesmo atuando de forma ideológica, negando fundamentos de outrem em suas ações no presente.

Dado que cada nueva religión es una versión herética de alguna anterior – el budismo del hinduismo, el cristianismo del judaísmo, el protestantismo del catolicismo etcétera – no hay ninguna civilisation que haya planteado sus afirmaciones em algún lugar de Babel sin oponerse a alguna otra (DEBRAY, 2017, p. 42).

O que diferencia a civilização como forma permanente de vida social de outras formas, como a tribo, a nação, o Estado, a comunidade, etc, é o alcance de sua difusão, aonde os fundamentos culturais são mais importantes do que sua estrutura. Uma civilização, mesmo em crise, econômica, perpetua seus valores irradiando para outras sociedades.

Medir la vitalidade de una civilizati3n em funci3n del baremo de su ind3stria o de su moneda indica la miopia del economista. Estados unidos se desindustrializa, su d3ficit comercial crece, sus desigualdades sociales aumentan, pero su capacidad de dejar huella no se ve afectada m3s que su capacidad militar y podemos esperar que el siglo XX no ser3 el 3ltimo que vaya asociado al nombre de una naci3n (DEBRAY, 2017, p. 48).

Todas as civiliza33es que j3 existiram, apresentaram estruturas urbanas, denotando um grau de desenvolvimento e organiza33o capaz de reproduzir seus valores e mesmo dominar outros grupos, tendo a l3ngua como ferramenta para a dissemina33o de seus valores s3gnicos pelo mundo que a cerca. A mescla entre culturas 3 importante para a constitui33o de uma civiliza33o, mas para a sua perpetua33o existe o controle pela for3a f3sica, econ3mica, ideol3gica, e na contemporaneidade, pelo controle da informa33o.

La imposici3n por la fuerza – militar, financeira o ambas – no es efectiva sin la luminosidade de um c3digo simb3lico que por si solo tiene el poder de hacer que piezas dispersas formem um todo (DEBRAY, 2017, p. 47).

Os desdobramentos de um processo civilizati3rio n3o se d3o somente no controle das condi33es materiais, a partir da apropria33o do trabalho, seja no escravismo, no feudalismo ou no capitalismo neoliberal dos dias de hoje, aonde a espetaculariza33o da vida que se reproduz por uma for3a de trabalho alienada pelas rela33es de produ33o. Existe hoje um controle que se imp3em como carro chefe para a reprodu33o dos processos de apropria33o do trabalho. 3 o controle da m3dia pelo capital que constr3i as condi33es para a irradia33o de valores e pr3ticas sociais trazidas das matrizes imperialistas e reproduzidas nas periferias do sistema.

Y una civilizati3n h3 ganado cuando el imp3rio que levanto ya no necessita medidas imperialistas para dejar huellas Cuando las tribos al3genas adoptan sus tics, sus h3bitos y sus normas, incluso sin ser conscientes de que lo est3 haciendo. (DEBRAY, 2017, p. 49).

Existe um contraponto importante entre a noção de “civilização” e a de “cultura, que ocorreu na Alemanha no final do século XIX, em seu processo de unificação. Este contraponto envolvia a aristocracia e a burguesia alemã. Os burgueses criticavam a dita “conduta civilizada”, com normas de comportamento. Desta crítica nasce a noção de “cultura”, que pregava maior liberdade de comportamento e uma negação à ideia de “etiqueta”. Uma nova classe se impõe a uma aristocracia decadente, a burguesia. O conceito de civilização passa pelo delineamento de um corpo cultural. Não existe civilização sem este corpo, que é complexo, envolve uma série de formas e sentidos de percepção do mundo e perpetuação do poder dos homens. Para a constituição deste corpo cultural há que se construir narrativas, em várias perspectivas e caminhos possíveis: escrita; pictórica; fotográfica; cinematográfica; vidiática, artística em geral. Todas estas narrativas irão construir signos, produzindo valores, e estes valores irão formatar a ideologia desta civilização, entendendo ideologia como uma forma de reprodução da narrativa para a perpetuação das hegemonias e do poder das classes dominantes. Os espaços estão cheios de poder e são produtos das relações sociais, construímos o espaço o tempo todo. O poder é sempre um produto relacional, não se trata de que eu tenho poder e você não, trata-se do exercício do poder entre pessoas, entre as coisas, entre os lugares. O espaço é sempre formado por relações sociais plenas de poder e, por outro lado, o poder tem uma cartografia. Mapas do poder social, político e econômico podem ser feitos. As representações do real e do virtual são reproduzidas no quadro plano, onde se perpetua o poder, conforma-se o portal para as trocas dissimétricas que ocorre entre os homens.

3.O LUGAR DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A ordem da informação aparece desde o momento da criação da história humana, com suas linguagens, com suas línguas, e com a construção ordenada do pensamento, a partir da narrativa, com uma territorialidade historicamente definida.

O vínculo inicial para se dialogar com a sociologia, produtora do conceito “sociedade da informação,”² é a categoria geográfica “lugar”. O lugar, classicamente foi definido como a

² M. Castells em seu livro [...] apresenta o conceito de “sociedade da informação”.

história do espaço. Utilizando esta ferramenta chegamos, por exemplo, à análise das qualidades diferenciadas do lugar. Parte-se da percepção das “marcas no espaço”,³ da história do lugar. Quando se está numa cidade europeia, sente se, observa se, respira se uma diversidade de formas de apropriação do espaço que se sobrepõe com o tempo. Uma sobreposição complexa, permeável, onde a modernidade se infiltra nas formas arcáicas e ressignifica na contemporaneidade. Algumas marcas são eliminadas, outras transformadas e muitas criadas, como novas sínteses. O processo de desenvolvimento científico/tecnológico contribui para a criação das novas marcas, que com o tempo se tornam “testemunhos” de um tempo, que são mais ou menos preservados em função das raízes culturais de um determinado grupo. Portanto, um lugar com muitos “testemunhos” de passado distante, carrega uma qualidade diferenciada de um lugar primitivo, de pouca ação antrópica. Estes lugares densamente marcados pela história do homem, polarizam as populações, estabelecendo mobilidade e formando centros.

O conceito de lugar se apresenta como apropriado, partindo do estudo do quadro plano no contexto do território. A *intraterritorialidade* se constitui como uma dimensão de território. Os empoderamento sociais, concretos ou virtuais, se reproduzem em uma perspectiva multidimensional. Existem hierarquias e escalas de território. Desde o território da subjetividade pessoal, até gangues, tribos, grupos, coletivos, mas também o território das corporações transnacionais capitalistas e dos Estados Nacionais.

O lugar e sua concretude recebem uma forte mediação da dinâmica virtual da reprodução da narrativa. A percepção do lugar é crescentemente mediatizada pelas máquinas⁴. Ocorre é certo, um olhar mais amplo, uma comunicação mais abrangente. Esta informação inserida no sistema de comunicação em redes, cria uma imagem do que é, do concreto. Esta imagem, passível de manipulação, é “entregue” às pessoas. Produto manipulado que cria valores condizentes com os interesses dos grupos hegemônicos de poder. A desconexão do real com os processos físicos da natureza leva à solidão, a ausência de dialogia, de trocas concretas, contatos virtuais em detrimento aos contatos pessoais. A virtualização da vida na sociedade da informação resulta no que foi escrito acima.

³ Em grego: διαστήματα.

⁴ Máquinas fotográficas, filmadoras, gravadores de áudio, que se apresentam todo em um único “device”, o smarthphone.

Veja este exemplo. Uma jovem adolescente sai de viagem de férias. No ônibus se senta próximo à janela, o tempo todo ele fica ponderando impressões da viagem pela internet em seu “smartphone”, com fotos da paisagem e comentários. Em nenhum momento consegue se desvencilhar da máquina para simplesmente contemplar a paisagem, o barulho, o vento, o real concreto. Neste caso, a percepção do mundo, do lugar está fortemente mediada pelas tecnologias da informação, com suas máquinas, transformando a percepção do percebido. Esta mediação carrega o *controle*, direciona aquilo que se vê. O lugar se torna uma imagem ideologizada. Daí a importância da deriva/transurbância para a apreensão do urbano real. Todo lugar tem uma história que deve ser desvendada por aqueles que produziram e produzem o espaço, bem como aqueles que consumiram e consomem o espaço. A “mineração” da *história do lugar* pode ser executada na deriva/transurbância com o desvendamento do real. São fragmentos importantes que capturamos para uma avaliação crítica desta história. Podemos dizer que o lugar é formatado pelo corpo cultural que se constitui e institui ao longo do tempo, na história da humanidade e suas civilizações. Os lugares carregam em sua paisagem testemunhos das arquiteturas humanas no espaço geográfico. A qualidade do lugar é a mescla destes testemunhos, que resulta em uma unidade com particularidades que a diferencia. O lugar está relacionado com a experiência individual na vivência com o espaço. Os lugares se formam pela mobilidade dos homens no curso da história incrementando no espaço testemunhos de uma existência cultural, transitória e cumulativa.

O lugar era uma parcela de espaço onde ocorria alguma coisa relacionada à população que o habitava ou que vinha de fora, de outros lugares. Esta população era relacionada sob a forma de nacionalidade e de línguas diferentes. A população identificada com a nacionalidade, habitava e trabalhava no lugar: continente, país, ilha, parte, cidade ou oficina (SILVA, 1988, p. 127).

Estas relações entre os lugares, frutos dos processos de mobilidade modificam os lugares e as próprias relações. No bojo destas transformações os lugares recebem na contemporaneidade o incremento da dimensão virtual, trazendo uma nova dimensão para além da concretude objetiva da produção dos espaços, mas que interfere nesta. Uma *produção transescalar e instantânea*. A

escala é uma escolha, uma forma de partilhar o espaço, contextualizando uma realidade percebida e ou concebida. Delineia-se uma representação, um ponto de vista, uma ênfase. Na medida que na sociedade da informação optamos por multiescolhas de espaços reais e virtuais, não se trata mais de uma escala, mas múltiplas. Transita-se de uma escala para outra instantaneamente, tempos longos e curtos co- habitam. Dai a noção de *transescalar* significa melhor as condições postas para a produção dos lugares.

4. A HIPER CONEXÃO E A SOLIDÃO HUMANA⁵

Os humanos se converteram em dados de computador, nos diz Roland Gori. O grau de imersão das pessoas em relações virtuais vem aumentando em todas as faixas etárias de forma progressiva. Existe uma sutil imposição por parte do sistema que ordena práticas cotidianas em sistemas digitais. Não existe um “plano B”. Se houver um colapso nos sistemas geradores de decisões sociais não chegarão nem às pessoas nem às organizações. O que poderá gerar um caos. Esta maravilhosa inovação tecnológica transformou o mundo, criou o mundo sem espírito, um mundo dessacralizado pela fria razão técnica, instrumental de uma sociedade regulada por critérios do mercado da técnica.

A busca de eficiência do sistema produtivo se fundamenta na racionalidade instrumental. Estamos criando um mundo dessacralizado em troca de uma racionalidade técnica, menos para explicar e sentir a existência e desenvolver-se nela, mais para operar rotinas como objetivo primeiro de suas vidas, imposto pelo modelo neoliberal do capitalismo, que exacerba este processo. *Este homem numérico trata de complexas cifras e de informações.* Estimula uma racionalidade alienante que opera fortemente na perspectiva do individualismo e não na individuação e na autonomia do ser social. As pessoas hoje *consomem cada vez mais as tecnologias e se implica cada vez menos com as relações humanas.* A dedicação dos homens às relações interpessoais, na família, com os amigos, etc, é cada vez mais substituída pela relação com a máquina, pelo *quadro plano* das telas gráficas, nas TV`s nos smarthphones, nos computadores. As pessoas consomem cada vez mais tecnologia, e se implicam cada vez menos

⁵ Entrevista - Roland Gori [2017] - Versão do francês com complementações. (O que estiver em itálico é a versão do francês da entrevista).

com as relações humanas. Transita das relações dialógico/presenciais, para as estéreis relações virtuais, destituídas de ética. *A internet e seus seres numéricos, vem substituindo os psicólogos os educadores os médicos os líderes políticos.* A robotização e o desenvolvimento da Inteligência Artificial – IA, estrutura hoje, a partir de uma ubiquidade cada vez mais abrangente da rede mundial de computadores, a “internet das coisas” que decide, a partir de rotinas computacionais, pré-estabelecidas pelos usuários. Já existem situações onde robôs decidem a partir de informações de outros robôs.

Os robôs falam pelos homens e decidem, conforme programação. Entendendo aqui “decisão” como uma intervenção na sociedade e na natureza que pode fugir do controle humano. Vivemos esta sombra nestes tempos. Existe uma transição das aptidões de trabalho. Ocorre uma forte convergência para profissionais capacitados no setor quaternário⁶ *Os avatares se misturam com os parceiros de pele de sangue e de espírito. Os espíritos numéricos dos quais nós provamos nosso mundo e aos quais nós vendemos algum culto não são somente seres abstratos, eles detêm o poder real é uma influência mais social do que subjetiva.* Criam uma dupla personalidade, uma “persona”.

A pergunta que se impõe é: como estamos nos governando nesta sociedade do controle? As informações pessoais, produzidas e armazenadas nos “mainframes” estão nas mãos de grandes corporações e dos Estados Nacionais, que buscam estabelecer formas de controle social para a manutenção de suas hegemonias. Os instrumentos criados para o controle, gestão e planejamento das informações, propiciam a projeção de ações macrossociais muito eficientes. Surgiram resistências, como os “Anonymous” Este grupo denuncia as ações macrossociais de controle engendradas pelos Estados nacionais e corporações transnacionais de cunho capitalista. De fundamentação anarquista, os “Anonymous” são contra a centralização do Estado, que trai a sociedade, sonega e controla informações e invade a privacidade da população. Lutam pelo anonimato como direito das pessoas. Denunciam os abusos, tanto dos Estados nacionais, como das grandes corporações. Denunciam ações de extermínio na guerra, bem como invasão de informações confidenciais de importantes governantes no mundo, feito pelos EUA via CIA.

⁶ O setor quaternário seria o setor terciário (serviços) especializado, direcionado ao domínio de tecnologias informacionais, em “software” e “hardware”, interferindo em todas as carreiras profissionais.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/CDWRVW9dMoF3zYL69>

Quando se discute o poder da informação, isso nos remete à questão do uso político das informações. A sociedade, a população, o cidadão, não apresentam uma ação direta de regulação. A qualidade cidadã torna o estado de direito manipulável, ou seja, se os mecanismos de direitos e deveres não se materializam na vida social este caos facilita os processos de empoderamento nas relações sociais.

A democracia é vista como a principal ilusão sustentadora do sistema político e ideológico e sua superação se dá pelo rechaço ao controle da população, de seu trabalho, de sua educação, para poder explorar o trabalho e acumular riqueza. Para Harvey o trabalho deve ser valorizado e colocado no lugar central da atividade humana. O que vemos hoje é a prevalência do capital financeiro como no processo de acumulação. David Harvey denomina de “Partido de Wall Street” o empoderamento das grandes instituições financeiras no parlamento americano, diz ele:

O partido de Wall Street tem um princípio universal de dominação: não pode haver nenhum adversário sério ao poder absoluto do dinheiro de dominar absolutamente. E esse poder tem que ser exercido com um único objetivo: seus detentores não devem apenas ter o privilégio de acumular riqueza sem fim e à vontade, mas também o direito de herdar o planeta com domínio direto ou indireto da terra, de todos os seus recursos e das potencialidades produtivas que nela residem, bem como assumir o controle absoluto direta ou indiretamente, sobre o trabalho e as potencialidades criativas de todos os outros que sejam necessários. O resto da humanidade se torna supérfluo. (HARVEY, 2013, p. 05 de 27).

Aliada a esta prevalência do capital financeiro, a mercantilização da vida, a transformação de tudo que queremos e precisamos em mercadorias, transforma radicalmente o comportamento das pessoas, controlando nossos desejos de consumo. *Nós nos transformamos em consumidores, nós mudamos nossa maneira de viver, de valorizar e de nos governar.* A espetacularização da vida se radicaliza no terceiro milênio “a não vida espetacular” segundo Guy Debord. Esta espetacularização apresenta novas estratégias, novos controles. Os corpos dóceis estão envoltos em uma teia midiática que aprisiona e manipula. *Os computadores, seu eco sistema próprio, são algébricos, se caracteriza como uma linguagem que transforma substancialmente nossa subjetividade e fabrica novas maneiras de governar, e de nova servidão também.* Muito tempo gasto no contraponto de um quadro plano de imagens virtuais, controladas pelas arquiteturas oferecidas pelos “softwares”, que ditam as regras de comunicação virtual, formando e conformando os indivíduos e seus comportamentos.

A vida se rotiniza, se torna mais burocrática, permeadas de rotinas lógicas para a viabilização de relações sociais. As relações são com as máquinas, com o sistema, isso torna a vida mais “fria”. Esta revolução digital, informacional, aliada com o processo de robotização cria indivíduos a críticos, sem visão de totalidade, sem a percepção do real na sua complexidade e contradições.

A conjuntura política na qual prolifera estas novas relações é o neoliberalismo que se reproduz por uma falida democracia representativa. *Uma política que perdeu audácia da democracia que substituiu o diálogo pelo comunicado. Computador se torna um agente pós democrático. Esta revolução simbólica enlaça os demônios de nossas paixões contemporâneas*

onde a técnica no mercado são nosso destino. Aqui a preocupação de Gori é enfatizar a mercantilização da vida com a busca da felicidade com a aquisição de produtos. *O complexo técnico industrial propõe ao homem moderno, mutilado de sua parte sensível e poética, de sua parte onírica, se deslocar para a ordem publicitária mercadológica dos seres numéricos.* O tempo comprimido por uma competitividade e um individualismo que cinde o ser em sua essência, em suas potências, aonde a superexploração do trabalho se naturaliza nas relações de produção.

O sistema impõe um sentido de consumo, a partir do controle das mídias. A informação é um produto e vende produtos. As necessidades são criadas desde a tenra idade, com apelos publicitários em todos os recantos das linguagens veiculadas. *Neste frenesi de se comunicar nesta tirania de informar em tempo real, nesta preocupação de transparência que revela nossa invisibilidade social, homem do mundo neoliberal revela sua angústia de separação e a profundidade de sua solidão, mas não são as novas e maravilhosas tecnologias que estão em casa mas antes de mais nada o uso ético político que nós fazemos dela.* Num processo de imbecilização humana, o capitalismo neoliberal formata indivíduos destituídos de capacidade crítica. Esta vida instantânea não abre para ponderações reavaliações críticas e autocrítica da vida e do conhecimento ofertado.

A sociedade espetáculo encontrou, neste início de terceiro milênio, formas cada vez mais sofisticadas para a manipulação e controle das pessoas, dos cidadãos. Nos grandes centros, aonde o frenesi ocorre com sua complexidade, diversidade, contradição, as “atividades numéricas”, as pessoas caminham competitivas e solitárias, como escreve Gori, aonde a ânsia *de se comunicar e de informar esta enfermidade cultural de cunho subjetivo de caça*, uma competição em cada ato, em cada gesto, nos faz correr para não sei onde, solitário. E esta busca incessante *de se comunicar nesta tirania de informar em tempo real, nesta busca de transparência que revela nossa invisibilidade social, o homem do mundo neoliberal revela sua angústia de separação e uma solidão radical.* Não podemos confundir os produtos que criamos com o seu uso. A apropriação da natureza pelo homem foi e será sempre premissa para a nossa sobrevivência. A questão é que o preço é muito caso, pois atingimos o grau de desenvolvimento às custas da super exploração do trabalho alheio. *Não são as novas tecnologias e maravilhas tecnológicas engenho tecnológicos que estão em causa, mas antes de mais nada, o uso ético e*

político que nós fazemos, não considerando como fetiches, droga e produção de substitutos, podemos nos servir poeticamente, sonhos e nas utopias, lá onde nós chegamos. As consequências desta hiper conexão, que absorve a maior parte do tempo das pessoas ainda estamos avaliando.

Tudo está acontecendo muito intensamente e rápido. O que constatamos é que os distanciamentos sociais ainda perduram, a polarização de classe se reproduz crescentemente e o meio ambiente ainda não foi devidamente respeitado em todo este processo civilizatório que aparece no início do terceiro milênio. Buscamos agora perceber como este lugar reproduz narrativas indicando o que denominamos de “quadro plano” como uma estrutura transescalar, que age dentro de uma concretude virtual. As formas de desenvolvimento do processo civilizatório reproduzem suas narrativas a partir do quadro plano, que foi se constituindo em toda a evolução da humanidade, mas que se consolida a partir da renascença. A evolução da matemática bem como do desenvolvimento de uma apreensão mais metódica da natureza levou à consolidação deste portal de entrada e saída das narrativas.

5.O QUADRO PLANO

Para entender como se forma o espaço do quadro plano para a reprodução das narrativas humanas, podemos trilhar o caminho que nos leva à formação das civilizações, com suas culturas e estratégias materiais para a perpetuação de suas hegemonias. Este caminho nos dá a base histórica que explica a construção de um espaço circunscrito, retangular que se estrutura de diversas formas e que se reproduz sob a égide de uma racionalidade cartesiana. De certa forma, a formatação do mundo ocidental parte das concepções cartesianas sobre o ordenamento e controle dos processos de forma metodicamente eficiente, em consonância com o desenvolvimento do capitalismo. A ciência de Copérnico, Galileu, Kepler, Descartes e posteriormente Newton avançam na explicação e controle da natureza, porque o conhecimento empírico e a matemática funcionam, ou seja, apresentam uma resposta para o processo de apropriação da natureza pelo homem.

O método cartesiano consiste em fazer uma crítica, duvidando de tudo, mas uma dúvida metódica, dúvida de todo o conhecimento estabelecido, a ideia cartesiana é a de que temos que duvidar, para daí encontrar o sentido. E isso só ocorre a partir da investigação, buscando a

verdade absoluta. Busca-se uma objetividade para desvendar os mistérios do universo através da ciência. Por tomar a consciência como ponto de partida, isso abriu caminho para a discussão sobre a ciência, dando ênfase à capacidade humana de construir o próprio conhecimento. O conhecimento da matemática é inteiramente dominado pela inteligência e não pelos sentidos. Está apoiado na ordem e na medida, a métrica do mundo, o que permite estabelecer cadeias de razões para “deduzir” uma coisa de outra. Matematiza-se a realidade compartimentando o percebido e deduzido “*enquadrando*” a complexidade do real. Esta tradição metafísica constituiu o envelope que portou o mundo moderno e a tecno-ciência. Foi na renascença que este caminho toma formas mais precisas.

C'est en effect seulement à la Renaissance que s'annonce une mutation ontologique fondamentale, absolument radicale – peut-être la plus importante de toute l'histoire de l'humanité – par laquelle l'être comme *existence* (comme *phusisz*) va être définitivement dénié ... cette mutation, laquelle va s'inscrire dans l'alongue durée, qui explique le déploiement moderne de la technique planétaire. (BALAZUT, 2019, posição 218 de 1128).

A ideia de racionalidade cartesiana exacerba um processo de controle da natureza utilizando a matemática como ferramenta, que ocorre desde a antiguidade, formatando espaços de representação. Uma figura recorrente é o retângulo, daí nosso interesse de investiga-lo. É neste contexto que concebemos a noção de o *quadro plano*, que habita muitas representações humanas, sendo que, com o advento da televisão e logo posteriormente com a revolução informacional e digital, a partir da internet, o *quadro plano* se constituiu como um portal de entrada para um novo universo expressivo de relações mútuas. A territorialidade se complexifica com as redes de comunicação. O exercício de poder nas relações sociais incorpora uma nova dimensão, a *dimensão virtual*. Por exemplo, posso estar dialogando com alguém numa praça na cidade de São Paulo, com um membro da família em um apartamento na madrugada da cidade de Barcelona e com um colega na cidade de Belo Horizonte em um congresso científico. Isso simultaneamente, com linguagens diferentes, em cada uma das situações, fazendo uso de mídias variadas: áudio, escrita, foto, vídeo em um mesmo tempo vivido. Parte desta comunicação só é possível a partir

do *quadro plano*. O homem hoje vive e convive neste mundo integrado e simultâneo, circunscrito e controladamente racionalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação do cotidiano e suas atividades se transformam de maneira importante neste início de milênio. A forma de expressão nesta sociedade em rede é multimidiática/digital/virtual, formatada pelo quadro plano que é um território restrito, uma fronteira do conhecimento. Tratamos neste trabalho de conceituar como noção um retângulo/portal que apresenta várias formas, escalas e qualidades diferenciadas. Neste portal flui uma narrativa territorializada no *quadro plano* em um território concreto/virtual. Ocorre nesta forma de produção uma intensificação dos fluxos de informação em detrimento da *formação*. O real e o imaginário se confundem nos processos comunicacionais.

Todas estas novas estruturas, potenciando um universo relacional mais amplo e diversificado, opera transformações importantes na personalidade dos indivíduos. Aparecem os avatares, criando novas “personas” e, conseqüentemente, estabelecendo novas dialogias concreto/virtuais, dialogias com tendências globalizantes, a partir da internet. Buscamos conceituar o *quadro plano*, por entender que na complexidade das relações impostas na contemporaneidade, existe um portal que carrega uma estruturação historicamente definida pela ciência e as artes que nos apresenta a forma retangular como canal de comunicação entre os homens. Buscamos entender melhor o conteúdo e o continente, a estrutura e a forma, que entrecorta a ficção e a realidade. A realidade virtual estimula uma leitura ficcional do mundo, pois é fortemente manipulável. O mundo tal qual as máquinas. O olho eletrônico e a inteligência artificial programada, cria uma ficção do mundo pensado pelos que detém o controle.

A informação seletiva e mediação técnica para a percepção do mundo cria um indivíduo refém do sistema. Se reproduz então a docilidade dos corpos. A territorialidade destes processos perpassa pelos mosaicos territoriais, que apresentam feições diversas, ênfases e carências que marcam o espaço da conflitualidade. Os mosaicos territoriais se apresentam como um híbrido de relações reais/virtuais, portanto relativo às estruturas de rede. Este é um tema importante para a inserção dos indivíduos na internet. Produz-se uma nova narrativa, multimidiática na

instantaneidade da produção da mensagem. Buscamos compreender o espaço da linguagem e a formação das línguas e dialetos, pois é daí que nasce as culturas. Nos últimos 70 anos, vimos constituir a “aldeia global” de Marshall McLuhan. Neste cenário nasce um consumismo que dita os comportamentos sociais e de consumo de forma global, o que foi sinalizado, nos anos 60 do século passado, por Guy Debord, na análise crítica do que ele chamou de “sociedade espetáculo”.

Esta cultura de massa escamoteia a realidade e cria uma ilusão do real, veiculada ideologicamente pelas mídias globais em consonância com os interesses das corporações transnacionais, já nos anos de 1970. Existe uma radicalização dos processos de controle a partir do nascimento da internet. Queremos saber o que muda da formação da aldeia global até o advento da internet. A integração é assombrosa, o número de páginas na rede cresceu quase 7 vezes em 10 anos. Quanto aos usuários conectados no mundo, houve um aumento de 1114%, desde 2010.⁷ Nestas transformações ocorridas tão rapidamente, buscamos entender qual o lugar da civilização no contexto desta sociedade em rede, e como perceber o urbano real. Para tanto sinalizamos a prática da deriva/transurbância como possibilidade de desnudar a cidade, o urbano em suas contradições e complexidades. Tratamos desde o homem primitivo até o cidadão de hoje, buscando entender nosso processo evolutivo e a complexidade que se instaura na reprodução das relações humanas, a partir dos percursos que criaram uma narrativa territorial, o lugar. Fechamos a trilogia de artigos⁸ certo da importância de ousar para encontrar novas respostas e sinalizar novas ações para a conquista da liberdade e dignidade humana.

BIBLIOGRAFIA

BALAZUT, Joel. **Descartes et l'essence de la métaphysique**. Paris, L'Harmattan. 2019. E-book Kindle.

D'ANGELO Biagio, **Espaces Topographies & imaginaires – écrits parisiense 2017-2018**, Paris, L'Harmattan, 2018, e-book.

⁷ Dados da “International Communication Union”.

⁸ Primeiro artigo intitulado “A narrativa e o contexto na produção dos mosaicos territoriais” o segundo artigo intitulado “A territorialidade dos signos, deriva/transurbância e as formas de espetacularização da vida.” Todos publicados na Revista Percurso do portal de periódicos da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

DAUPHINÉ, André. **Les théories de la complexité chez les géographes**. Paris, Anthropos, 2003, 248 p.

DEBRAY, Régis. **CIVILIZACIÓN, UMA GRAMÁTICA – Huella, influencia, império**. IN: NEW LEFT REVIEW 107 Nov. dic. Madrid, 2017. 37-49 p.

ECO, Umberto, **La structure absente – Introduction à la recherche sémiotique**. Paris, Mercure de France, 1972, 447p.

_____, **La production des signes**. Paris, LGF, 1992, 126 p.

_____, **Le signe**. Paris, LGF, 1988, 277 p.

_____, **Sémiotique et philosophie du langage**, Paris, PUF, 1988, 285 p.

_____, **Les limites de l'interprétation**, Paris, LGF, 1992, 413 p.

ELIADE, Milcea. **Le mythe de l'éternel retour**. Paris, Gallimard, 1969, 182 p.

ELIAS, Norbert. **Sociogênese da diferença entre “Kultur” e “Zivilisation” no emprego alemão**. In: ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 23-50.

FOUCAULT, Michel. **Les mots et les choses**. Paris, Gallimard, 1966. 400 p.

HARVEY, David. OCCUPY – movimentos de protesto que tomaram as ruas. IN: **Os rebeldes na rua: O Partido de Wall Street encontra sua nêmesis**. São Paulo Boitempo, Carta Maior, 2012, recurso digital.

HEGEL, G.W.F. **A fenomenologia do espírito**. Lelivros. E-book baixado em 2019 - <http://lelivros.love/book/varwwwhtmljegueajatohegelfenomenologia-do-espírito-452fenomenologia-do-espírito-hegel-pdf/#tab-description>.

MASSEY, Doreen. **Superando a visão romântica sobre o lugar**. Entrevista revista Unissinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515130-superando-a-visao-romantica-sobre-o-lugar-entrevista-com-a-geografa-doreen-barbara-massey>. Nov. 2012. Acesso: 01/08/2019.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Livro de domínio público. E-book, publicado em 30/11/2012. Tam. 947. Ed. Kindle.

MELAZZO, Everaldo Santos. **A escala Geográfica: Noção, Conceito ou Teoria?** Terra Livre Presidente Prudente Ano 23, v.2, nº. 29 p.133 – 142, Ago- Dez/2007.

MONTEIRO, Carlos Augusto de F. **O mapa e a trama – Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**, Florianópolis, Ed UFSC, 2002, 242 p.

SILVA, Armando Corrêa da. **A Aparência, o Ser e a Forma** (Geografia e Método). In: GEOgraphia, Niterói, v. 02, nº 03, pp. 07-25, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/27/25>>. Acesso em 17 de julho 2011.

_____. **De quem é o pedaço?** Espaço e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1986.168p. (Coleção Geografia: teoria e realidade).

_____. **O Espaço Fora do Lugar**. Segunda edição. São Paulo: Hucitec, 1988. 128p. (Coleção Geografia: teoria e realidade).

_____. **Cinco Paralelos e Um Meridiano: contribuição ao Discurso Geográfico Teórico**. (Livre-docência em Geografia). São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1979. 150p.

SOUZA, M. Dantas de. **O espaço fora do lugar: uma suposta filosofia geográfica do espaço e do lugar**. São Paulo, Revista do Departamento de Geografia – USP, Volume 29 (2015), p. 305 a 319.

OLIVEIRA, Israel Montesuma. **Escala e seus agentes em dissolução: Uma perspectiva transescalar**. Costa Rica, Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-10.

Enviado em 14/10/2019

Aceito em 09/12/2019